



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 21 de Dezembro de 1985 * Ano XLII — N.º 1090 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NATAL

■ O Armindo veio dum tugúrio. «Quando acabou a esperança — começou a Esperança. Quando não havia razões — começaram as Razões de Deus.»

Nunca tinha visto um Presépio... Só o seu buraco! Logo, naquele Natal, senti nas mãos e no coração a beleza do musgo dos campos, o cheiro da ceia e o calor da família. Feliz, ajudou a fazer o Presépio do Menino, seu Irmão — um pouco igual ao buraquito donde tinha vindo.

O Natal verdadeiro está no começo da Esperança de Deus. Quando se nos afigura que os sacerdotes desertam, eles acor-

dam e apaixonam-se pelo seu Deus! Aflitos ao vermos a juventude virar costas ao Senhor..., de repente O descobri nos cumes e O canta! Em nenhum lugar os cristãos estão tão vivos e conscientes como naqueles onde os cartazes e os slogans gritam que Ele não é! Onde nos parece que tudo ruiu, começam os Seus Caminhos!

Vem Senhor Jesus!

Ele virá como brisa suave que tudo penetra. Renascerá a Esperança no coração dos Pobres e aflitos... Lá, onde a Justiça que Ele instaurou e a partilha daqueles que O amam.

■ Tendas no deserto que hoje se montam e amanhã se desfazem para uma nova caminhada. Peregrinos. Não é aqui a nossa Pátria. Se este fosse o nosso lugar e aqui vivéssemos para sempre, então, sim, valeriam os palácios de pedra e os candelabros de ouro.

Se temos amor a Deus e acreditamos nas Suas vindas (nascimento e última), uma tenda nos basta, pois facilmente a desmontamos para novo arranque ao encontro da Luz e, sempre, na linha da Eternidade.

Pena, termos perdido a agilidade das corças; o coração ficou pesado; e os nossos pas-

sos, tantas vezes, se arrastam sem motivo! De facto, se não acreditamos que para lá do deserto fica a Pátria prometida, que sentido tem este caminho longo e difícil?! Dentro desta lógica, melhor seria queimarmos as tendas, fazermos casas de pedra e, com os pés enterrados nas areias sem fim, adorarmos o bezerro de ouro.

Vem Senhor, vem!

Antes que a angústia nos sotierre...

Abre Tu o nosso entendimento.

Torna leve o nosso coração.

Bate o rochedo com a vara para que nós acreditemos e Tua Água nos sacie.

■ Lembro as fogueiras do galo nas aldeias do Norte. Todos de volta, antes da Missa de Natal. Aconchegados. Antes do fogo uniu-os a fraternidade. Nem fome, nem nus. As famílias mais abastadas partilharam.

Quando Cristo está verdadeiramente presente e nós vivemos a Sua presença, ficamos unidos e felizes de volta do mesmo fogo.

Quando as grandes potências acenderem este fogo serão capazes de pôr o homem acima do cobalto, do petróleo e do ouro.

Vem Senhor Jesus! Acende o Teu fogo nos corações que não crêem e naqueles que, carregados de coisas, ficaram pesados.

■ Desceremos os paralelos escorregadios das ruas de Miragaia — eu e um grupo de gaiatos com suas esposas (viciados da nossa Conferência



O Armindo veio dum tugúrio. Nunca tinha visto um Presépio... Só o seu buraco! Feliz, ajudou a fazer o Presépio do Menino, seu Irmão — um pouco igual ao buraquito donde tinha vindo.

O PRESÉPIO

Ontem, ao fim da tarde, subia a avenida da nossa Aldeia. Um dos pequenos veio ao meu encontro e convidou-me a entrar em sua casa. Aceitei e fui. Outros brincavam, ali perto, e entraram também. O que era? No canto da sala principal estava o Presépio construído por eles. Ao lado, um linda árvore de Natal com luzinhas a apagar e a acender chamava a atenção. Num momento, estava rodeado pelos 30 habitantes daquela casa. Quedámos em silêncio, por algum tempo. Olhavam para o Presépio e olhavam para mim. Eu olhava para eles e olhava para o Presépio.

— Quem fez?

— Fomos nós!, responderam.

O musgo, as pedras, a cabana e dentro uma pequenina imagem do Menino Jesus deitado sob o olhar de José e Maria. Uma cena encantadora! Quem diria? Antes, andavam pela rua, desconhecidos, sem amor, dormindo aqui e ali. Agora, todos juntos, em sua casa, contentes, seguros. O Amor fez esta maravilha! O Presépio lembra-lhes esta Verdade. O Filho de Deus faz-Se criança para nos dizer que em cada criança está o Filho de Deus. É Natal!

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

◆ Achei interessante e gostei da ideia: um programa da Radiodifusão, de Coimbra, para que os pintores da zona centro ofereçam um dos seus quadros para o Natal dos Gaiatos.

Organizaram uma reunião-convívio no estúdio e pediram a nossa presença. Foi uma conversa de esclarecimento e pareceu-nos que todos a acolheram com muito interesse.

Vimos a simpatia pela criança bem estampada no rosto e nas lágrimas sorridentes de muitos olhos.

Houve testemunhos dos que conheceram Pai Américo. O res-

peito e a veneração que lhes mereceu sempre. A influência espiritual que exerceu nas suas vidas. Os santos são os grandes mensageiros do bem!

O que mais nos cala na alma, nestes encontros, é a centelha de bem que há na alma de cada um. A centelha-fogo de amor pela Criança que apaixonou Pai Américo e continua a apaixonar todos os que procuram ser sensíveis aos Outros.

Foi e é mais uma esperança de que o nosso Natal — com a oferta amiga da venda destes quadros — seja ainda melhor Natal.

do Lar do Porto). Será uma luzinha que desce. Um cantinho de fogo a dar calor.

Se cada um de nós acender o seu fogo ao lado do irmão mais próximo, serão milhões de fogos e o calor penetrará como seiva silenciosa.

Vem Senhor!

Sabemos que nos amas e que Teus caminhos de Esperança estão traçados na linha da Eternidade!

Padre Telmo

CANTINHO DOS RAPAZES

Sois vós, Rapazes, os primeiros no direito de conhecer Pai Américo. E não vos desobriga do concomitante dever o facto de o não ter visto com os seus olhos nem escutado com os seus ouvidos a maioria de vós (uma maioria em crescimento incessante!) porque, se «a árvore se conhece pelos seus frutos», eles aí estão a dizer-nos do tronco por onde sobe a seiva que continua a alimentar os ramos verdadeiramente inseridos, realmente brotados desse tronco; e, nessa medida, portadores dos frutos que se oferecem.

Vós sois os frutos. Sereis esses frutos se fordes esses ramos verdadeiramente inseridos, realmente brotados, bebendo a seiva que da raiz que é Cristo, sobe pelo tronco que é Pai Américo. Sem raiz nem tronco, não há ramos. Também não haverá frutos se os ramos não estiverem inseridos, não brotarem do tronco, não

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CINEMA — Já começaram as sessões de cinema, em nossa Casa.

Vimos o filme de aventuras, intitulado «Sétimo Continente». Trata da descoberta de uma Ilha, situada no Pólo Sul, em estado pré-histórico.

Gostámos muito do filme e estamos à espera do próximo.

LAR DO PORTO — Serve de acolhimento aos gaiatos trabalhadores que exercem profissão no grande Porto.

Neste momento, o Lar precisa dum aspirador, pois o nosso já está a morrer de velho! E também de uma máquina de lavar roupa (nem que seja doméstica) que sofre do mesmo mal — a velhice.

Quem poderá acudir?! Agradecemos antecipadamente.

DESPORTO — Continuamos à espera de convites para defrontarmos colectividades desportivas em jogos de futebol.

Aqui deixamos o nosso convite. Os grupos que tenham equipas de escalões inferiores aos dos seniores podem contactar connosco.

Os nossos jogadores mais pequenos estão sempre a perguntar: — Quando há jogo!?

FRUTA — Já colhemos as maçãs e os dióspiros que estavam maduros. Temos comido fruta a todas as refeições!

Os dióspiros já os provámos três ou quatro vezes, estavam deliciosos.

CONVÍVIOS FRATERNOS — Mais alguns dos nossos rapazes irão fazer um Convívio Fraternal, ocasião para se aproximarem de Deus, para reflectirem sobre a juventude e os seus problemas.

Alguns de nós já passámos pelos Convívios e gostámos de participar. Dois dos nossos foram ao 4.º aniversário do grupo de Convívios do Amial.

Reflectimos sobre o Sim de Maria a Deus; e se nós — os jovens da era dos computadores, da electrónica — também fôssemos capazes de dar um sim idêntico ao que Ela deu.

Ludgero Paulo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Como vem sendo normal, uma vez mais vimos dar testemunho de quanta necessidade têm os nossos irmãos mais carecidos. É normal o vicentino levar uma palavra de conforto na visita ao seu Pobre, mas quantas vezes somos nós a receber lições de humanidade! Ali, sim, vemos com os nossos olhos e sentimos quanta angústia existe naquele lar familiar.

Temos a nosso cargo um casal com quatro filhos, vivem numa cave, têm um quarto onde dormem todos juntos, uma cozinha pequenina composta por um fogão, uma banca pequena, uma mesa, não têm uma cadeira para se

sentarem; mas o mais grave é a falta de saneamento. Como devem calcular, é um cheiro nauseabundo. Prometeram-lhes uma casa; no entanto, até hoje não passou só de promessas. É esta a miséria que a maior parte da nossa sociedade desconhece. Eles lutam pela sobrevivência.

A nossa Conferência tenta ajudar naquilo que pode, mas para isso contamos com a ajuda dos nossos Amigos. Agora, que se aproxima o Natal, vamos tentar dar um pouco mais para que os nossos irmãos mais necessitados também tenham uma consoada abundante e com mais conforto.

Campanha tenha o seu Pobre: Recebemos do assinante n.º 20 um saco e mais um pacote de massa e ainda 10.000\$00. Da nossa amiga Maria José, da Guarda, um vale de 3.500\$00 «para ajuda dos Pobres. Tenho 17 anos e gostava de ajudar os meus irmãos mais necessitados». Quinta da Lomba, Barreiro, duas caixas de roupas. Assinante 19177, 750\$00: «Como se está a aproximar o Natal mando mais alguma coisinha para ajudar a consoada dos Pobres». Anónimos, 2.000\$00. Mariete, 1.000\$: «É uma pequena miçanga mas dada com muito amor». Assinante 10068: «Já fui vicentina e com muita satisfação visitei, durante anos, uma pobre viúva. Não sei quem sentia mais satisfação, se ela quando eu chegava, se eu quando batia à porta dela». Assinante 16689: «Com carinho pela vossa obra deixo estas roupas e 1.000\$00 para ajudar as vossas carências». Assinante 20632: «Para a Conferência de S. Francisco de Assis, 3.000\$00». Jovem estudante que assina D. S., 500\$00.

A nossa Conferência aproveita para desejar aos nossos amigos leitores Festas Felizes.

Casal Vicentino

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É Natal! No reino dos Pobres é Natal permanente, sejam quais forem as roupagens de que se revista, desde que procuremos descobrir, em cada instante, a presença de Jesus Pobre.

É Natal no rosto daquela moça, seca dos maus tratos, a gerar outra alma, quando, de lágrimas nos olhos, acompanhada do marido alcoolizado, suplica remédios — a preço d'ouro! — para a cura do primeiro menino. Uma hora de diálogo sobre as consequências do excesso de álcool e um alerta para a equilibrada gestão do salário — até por mor dos filhos.

É Natal entre os ocupantes das moradias do «Pessoal dos Caminhos de Ferro da Beira» e do «Pessoal do Porto da Beira» (Moçambique), já de cara lavada, mais funcionais. «Agora, sim; com estas obras a gente intê respira melhor!» — exclamam, radiantes, os dois idosos, irmãos por afinidade. Na outra moradia, ocupada por um casal de velhinhos, batemos várias vezes à porta, sem resposta.

Poderíamos entrar... Mas há que respeitar a privacidade de cada um! No entanto, somos topados pela anciã: «Estávamos à vossa espera! No outro lado não se dá fé de quem chama...!» Alegria transparente: «A nossa casa está mais bonita!...» E abre as portas: «Vejam tudo!»

Pois estas duas moradias trouxemo-las bem dentro da nossa alma, quando fomos a África com Pai Américo, em 1952. São óbulos de gente de várias raças, cores e credos. Pai Américo exultou por serem ofertas de mãos calejadas. E, até, por uma razão d'ordem pessoal: os serviços de portos, de caminhos de ferro também lhe passaram pela mão, naquela região, antes da célebre martelada que o levou à conquista do Céu por outras vias — absolutamente devotado aos Pobres, aos sem-ninguém. Estas lareiras acesas, com o mínimo de dignidade cristã (há mais de três mil em todo o País), são marcos natalícios, sinais visíveis do Mandamento Novo.

É Natal, ainda, quando aquela mulher pobre, cujo marido «anda por lá à boa vida» e os filhos a precisar, resolve invocar-nos a outros... para a colheita ser maior! Situações que fariam arrelhar o mais comum dos mortais.

A propósito: Recordamos factos idênticos — expressos nas obras de Pai Américo — que testemunhámos. Adverte ele, pela sua tarimba, que toda e qualquer acção, junto dos Pobres, jamais perde o valor — mesmo sendo vítima do Bem. Preferia mais ser vítima dos Pobres que doutros senhores. «São Pobres...»

É Natal todos os dias, nesta vida que abraçamos! Até na visita amiga dos mais responsáveis pela Sociedade de S. Vicente de Paulo. Aquela hora, naquele sábado, na igreja paroquial — monumento nacional com história intimamente ligada aos primórdios da nacionalidade — os membros da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, na companhia do Pároco, partilhámos, com eles, êxitos e fracassos da missão a que nos devotamos em sentido de Igreja. E procurámos descobrir mais uma luzinha... da Luz que precisa sempre de nos alumiar — em acções concretas nos Presépios vivos de Natal.

PARTILHA — À frente, «Maria de Portugal» com um bolo de Natal dividido por vários sectores e um alerta: «Se virem que há qualquer necessidade mais imperiosa, ficam à vontade para dispor as minhas migalhas». O casal-assinante 19148, do Porto, «com todo o afecto envia um pedacinho do que o Senhor nos dá a mais e pela felicidade das nossas filhas». O costume da assinante 19177, também da Invicta: 500\$00. O mesmo da assinante 24625. De Aveiro, assinante 25205 segue com 9.000\$00 e afirma que «a leitura do GAIATO — leio-o todo, dando-lhe a primazia — até me deixa tonta, são tantas as necessidades que vos batem à porta! Distribuam conforme entenderem e não citeis o meu nome».

O casal-assinante 9983, também d'Aveiro, manda um cheque com várias intenções e muito Fogo do Céu. Na mesma linha, o casal-assinante 4217, da Parede, cujas «finanças estão muito por baixo», mas não deixa d'enviar «esta pequena quantia...»

Um cheque da assinante 29845 com «parte de um prémio do toto-loto e oxalá possa aliviar alguma aflição urgente». Presença amiga de Santa Cruz do Douro — «como de costume», disse. O habitual vale de correio de «uma assinante de Paço de Arcos», agora «muito preocupada com a doença da minha Mãe». Levantemos os olhos ao Céu! Assinante 19064, de Espinho, «dois contos para dar um Natal alegre a alguma família mais pobre». Assinante 31104 — que se abre em generosidade! — retoma o caminho e sublinha uma intenção especial: «Por alma de minha querida Mãe que em 30 de Novembro desceu à terra». Eis a «referência discreta» que suplica.

Vem lá, agora, uma vicentina de Coimbra — Universidade de Pai Américo — partilhando com os nossos Pobres o amor que dedica aos da Lusa-Atenas. Logo a seguir o assinante 27177 com um cheque de 5.000\$00 «para que os Pobres sejam menos pobres nesta quadra do Natal — que nos é tão querida». A assinante 21727 traz «as quotas para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, para o ano de 1986. E Deus permita continuar para o ano de 1987». Está nas Mãos do nosso Deus! Um vultoso cheque do assinante 38552, de Cardigos, «em sufrágio de todos os meus familiares já falecidos, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Que dizer de todos quantos sublinham ofertas para casos referidos nesta coluna?! A pequenina estudante recebe afagos da assinante 15291, de Ponta Delgada, que também foi «órfã aos três meses» e singrou pela mão de familiares; mais conforto da assinante 19999, de Amarante, com um vale de correio.

Para o colchão ortopédico da velhinha chegaram estas presenças: assinante 27063, de Cacém; sacerdote amigo, de Cinfães; assinante 7012, de Pedreira; assinante 14893, do Porto; e assinante 35019, de Lisboa.

Por fim, «um assinante» da Capital manda um cheque «com destino à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus para a consulta no oftalmologista», referida oportunamente.

Já que a maior parte dos nossos Amigos expressaram votos de Santo Natal e Ano Novo, retribuimos a todos na mesma proporção, inclusive em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

ADVENTO — Estamos a poucos dias do Natal. Por todo o lado rodeiam-nos luzes multicolores e montas pintadas com sinos e votos de que ele seja «feliz». Por baixo desses anúncios lindas prendas a convidam um Natal prendado numa inebriante mistura de luzes e de outras «tradições» modernas. Pessoas saem e entram nas lojas sempre cheias; rios de dinheiro vêem-se correr, às mãos cheias, em coisas vazias!

Hoje vive-se para a comodidade, não para a felicidade. Há quem faça todas as vontades aos filhos em alturas destas...

Por outro lado há muitos que nem sabem o que é o Natal! Não é preciso ir à Índia ou à Etiópia. Basta dar uma volta pelas ruas dos nossos... Com certeza não encontrareis só buracos. Vereis outros mais escuros que tresandam de vícios. Lugares onde a realidade é a miséria e cujas gentes mais não têm do que o que gastam em vinho e o mais. Mas é lógico que um Natal desses não interessa a ninguém. Por isso tapam-se os olhos, pois o que se não vê não existe...

É necessária uma preparação para celebrarmos a grande festa do Nascimento do Salvador dentro dos ideais construtivos de um mundo melhor, na paz, no amor, no respeito e na fraternidade em comunhão com todos os nossos Irmãos pobres.

Temos vindo a prepararmo-nos espiritualmente através da reconciliação com o Pai — que nos tem dado tantas coisas boas através dos nossos Amigos! E com o Presépio que construímos com amor e humildade.

Obrigado, Senhor, pela Salvação que nos deste pelo Teu Filho.

Feliz Natal para todos!

AGRICULTURA — O ano passado houve a azáfama da apanha da azeitona, mas este ano ela é tão pouca que quase não chega para curtir! Para azeite, só se forem os caroços...

Há ainda umas couvitas para a ceia de Natal e para a sopa diária. Na padaria começam a preparar broínhas com nozes que apanhámos das nogueiras, só que a «abóbora menina» para os bolos e filhotes terá que vir de fora porque, cá, nem rastos!

CARAS NOVAS — São muitas! Todos com a sua história particular. São filhos de pais que não podem e/ou não os querem. Novos irmãos a engrossar esta Família da Obra da Rua.

Neste Natal o meu desejo era que todos fossem filhos com família própria, famílias verdadeiras que tomassem conta dos seus sem necessidade de os dar a criar a outros.

TIPOGRAFIA — A nossa tipografia está a trabalhar pouco! As encomendas recebidas não têm chegado para ocupar todos os nossos rapazes nas máquinas. Têm-nos encomendado alguns envelopes, cartões de visita, facturas, mas tudo de pouca monta. Esperamos que nos encomendem livros e jornais. Temos apelado aos nossos Amigos nesse sentido, mas até agora não recebemos nada.

Temos *offset* e fotocomposição para os trabalhos mais urgentes que possam aparecer. Quem poderá ocupar os braços desocupados dos nossos rapazes? Não poderemos estar eternamente à espera e ainda mais porque este empreendimento custou-nos milhares de contos — que havemos de conseguir arranjar com a ajuda dos nossos Amigos. Se não houver trabalho que nos ocupe o tempo, que poderemos nós fazer?! Deixámos os estudos confiando num futuro mais prático...



Novos Assinantes de «O GALATO»

Os novos Assinantes d'O GALATO continuam a ser **notícia** — com o impacto da primeira hora! Aliás, o Pai Américo devotou muito trabalho à expansão do Famoso. Páginas de Fogo ardente. Tarefa divina que o abraçou até ao fim. Mais: Estendia os braços a iniciativas para se levar O GALATO a todo o mundo. Vimo-lo tantas vezes feliz, transbordante, por acções que surgiam, não importa como, quando! E de mãos dadas transmitia-as no seu jeito inconfundível, em maravilhosas pinceladas marcadas para sempre, pujantes de Vida, da Seiva que inundava o seu coração. **Tinta** que jamais se apagará do pequenino **desordeiro** — O GALATO — que sempre quis fosse voz dos sem-voz, alimento espiritual, mau grado a pequenez dos escrevinhadores — e até por causa dela, o disse tantas vezes!

Associação dos Antigos Gaiatos do Centro do País

Sentimos que os Antigos Gaiatos — os que tenham passado pelas Casas do Gaiato do Centro, Norte ou Sul — devem ser considerados da mesma forma, isto é, como pertencendo à mesma Família da Obra da Rua, bastante grande.

Como estamos na época festiva da Família — o Natal — não podemos deixar de nos dirigir aos Antigos Gaiatos e suas famílias, aos actuais e ainda a todos os servidores e continuadores da Obra da Rua (que também foi nossa e continua sempre e pelo tempo adiante a ser lembrada por todos nós) para vos desejarmos Boas Festas e que o Novo Ano seja o mais repleto possível das maiores venturas, porquanto o que vai terminar não deixará boas recordações à maioria dos portugueses.

Eis os votos sinceros da Associação de Antigos Gaiatos do Centro — e atrevemo-nos a ser porta-voz das restantes Associações — que não querem de modo algum esquecer, também, os leitores d'O GALATO e a legião de Amigos da Obra do Padre Américo (como vulgarmente é mais conhecida).

Manuel S. Machado

Continuamos a esperar ventos melhores que justifiquem o tempo de preparação dos nossos rapazes. Temos confiança que apareçam livros, jornais e outros trabalhos vulgarmente chamados de *remedagem*.

Não hesitem. Esperamos a resposta dos nossos Amigos através das vossas encomendas.

Eu também sou um dos trabalhadores desta nova Escola.

Chiquito-Zé

A retrospectiva tem justificação, pois o desfile de novos Assinantes — poderia já ser um lugar comum... — cresce d'amizade e partilha. É uma constante **novidade**, já que a linguagem das almas não se coaduna com vulgares aferições. Ai se pudéssemos revelar o pulsar de todos os peregrinos em direcção a O GALATO!

No topo da **procissão** temos o nosso Padre Telmo com novos Assinantes inscritos em celebrações eucarísticas nas igrejas da Senhora da Aparecida (189), de Vila Meã (55), de Felgueiras (325) e de Santo Tirso (188). O nosso Padre Carlos com mais 208 do Barreiro, 142 de Almeirim e 80 do Monte da Caparica. Ambos, de coração dilatado, deram graças a Deus pelo carinho e pelas **explosões de Sobrenatural** que irromperam de centenas de Amigos.

Agora, vamos respigar alguns apontamentos de correspondência recebida nas Casas do Gaiato — para delícia dos nossos Leitores.

Tomar:

«Envio um vale postal para a nova assinatura de minha filha, pois tendo casado quer continuar a receber, em sua casa, O GALATO que tanto gosta de ler.»

Palhaça:

«É com muita alegria que vos dirijo estas letras. Quero dizer que leio O GALATO, com o qual aprendo muito: ajuda-me a ser mais humilde, a renunciar a algumas coisas para partilhar um pouco daquilo que o Senhor Jesus me deu.»

O motivo destas letras é o pedido de duas novas assinaturas... Eu gostava que todos lessem e meditassem O GALATO! Então a vida, no mundo que nós vivemos, seria melhor.»

Santarém:

«Quanto desejaria que o Famoso entrasse como bênção de Paz e Amor em todos os lares portugueses!»

Viseu:

«Sou a tal «professora dos lados de Viseu» que, este ano, em nova Escola, consegui algumas assinaturas entre os alunos. Poucas, é certo, apesar de ser cidade, mas pode ser que vindo esses, outros se entusiasmem. Deram-me 200\$00 cada um, mas eu ponho mais uma migalhinha, pois acho pouco. São alunos do 4.º ano de escolaridade, portanto mais conscientes. Espero que continuem a ler o nosso querido Famoso com entusiasmo.»

Que dizer da Maria de Belém, cuja devoção pel'O GALATO vai por aí fora!? Aqui está:

«Venho dar conta de mais assinaturas novas para O GALATO. Esqueci-me de dizer o contributo a todos, quando da inscrição, mas vou tentar facilitar, enviando um cheque meu.»

Vivo da minha pensão de reforma, bem poupada e para ajudar alguém mais necessitado. Vimos sem nada de Angola. E muito necessitadas de sair desta casa onde nunca mais tivemos saúde! Que o

santo Padre Américo peça mais uma grande Graça para nós em Miranda do Corvo, onde tem a Obra. Ai, as casas são mais baratas do que em Coimbra e gostamos muito daquela vila.»

Finalmente uma síntese dos pontos de partida da **procissão**: Porto, Lisboa, Coimbra, Gafanha da Encarnação, Barroca (Torres Novas), Almancil, Fânzeres, Tabuaço, Senhora da Hora, S. Pedro da Cova, Póvoa de Varzim, Bragança, Pampilhosa, Setúbal, Bonflorido (Torres Novas), Pardilhó, Covilhã, Pereira (Miranda do Corvo), Loures, Barcelos, Mirandela, Feijó, Amora, Rio Tinto, Linda-a-Velha, Ilhavo, Lavradio (Barreiro), Vilarinho (Vila do Conde), Vila Nogueira de Azeitão, Vila Nova do Ceira, Oliveira do Douro, Parede, Corroios, Odivelas, Évora, S. Martinho do Bispo, Lourical, Faro, Alverca do Ribatejo, Piães (Ponte de Lima), Leça da Palmeira, Valbom (Gondomar), Almada, Albufeira, Sesimbra, Cabanas (Palmela), Pinhal Novo, Vendas de Azeitão, Oeiras, S. João do Estoril, Elvas, Guarda, Sobrosa (Pare-

Retalhos de vida

Lucindo



Chamo-me **Lucindo Pimentel da Silva**. Nasci a 10/5/73 nas Caldas da Rainha.

Quando tinha cinco anos a minha mãe separou-se do meu pai e levou-me, com a minha irmã, para a casa da minha avó.

Um ano depois voltei para o meu pai, que entretanto faleceu, e fiquei na casa da minha avó. Mas, como não tinha condições de vida, entrei na Casa do Gaiato, em Santo Antão do Tojal — Loures.

Estou no primeiro ano do Ciclo Preparatório. Desejo ser carpinteiro ou, se puder ir mais longe, ser desenhador. Mando um abraço para todos os nossos Amigos.

Lucindo

des), Leiria, Figueira da Foz, Gondomar, Perosinho, Anadia, Viseu, Recarei, Olhão, Caldas da Rainha, Marinha Grande, Joane (V. N. de Famalicão), Penafiel, Vila Nova de Gaia, Almeirim, Baguim (Rio Tinto), Baião, Vouzela, S. Cosme (Gon-

domar), Agueda, Foz de Arouce, Castanheira de Pera, Vila Real, Vilar do Paraíso, Vale de Santarém, Valadares, Deauville e Sartrouville (França), e Hartford (América do Norte).

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Há dias uma senhora queria fazer sua herdeira a Obra da Rua, quando falecesse. Dissemos o nosso pensamento e lá se foi embora dando-nos razão. Pai Américo procurou, sempre, fugir destas ofertas. Algumas pessoas teimam ainda deixar-nos legados! Mas não. A Obra da Rua há-de viver do trabalho de todos os que a constituem, do mais velho ao mais pequenino «Batatinha», e do amor das pessoas vivas que nos ajudam, atentas às nossas dificuldades. Somos uma Família, mais do que uma Obra de Assistência. Por tal, os senhores mais as senhoras deixem os bens de mão morta a outras instituições. Deixem os nossos Padres trabalhar para o Rapaz e não lhes tirem tempo com legados — que até para os renunciar dão tanto que fazer!

«Para o cofre do Espelho da Moda que é também do Gaiato», mil escudos de juros que alguém recebeu. Ainda no Espelho da Moda, à Rua dos Clérigos, muitos contributos anónimos: 20.000\$, mais 5.000\$, mais 500\$, mais 1.000\$, mais 100\$ e mais e mais e mais!... Uma anónima, que pede orações pela sua grande família, cinquenta escudos; cem, achados na rua por uma Isabel, de Barcelinhos; Vila Flor, dois mil e vinte escudos, mais o sacrifício das duas senhoras que nos visitaram de tão longe; assinante 14866, cinco mil mais as preciosas visitas que algumas vezes faz a famílias cujos problemas relatamos n'O GALATO. Este senhor gosta de sofrer com quem sofre, por amor do Mestre, no corpo dos nossos Irmãos mais

carecidos. Isto é Caridade cristã. Quando aqui veio, depois de passar pelo nosso Calvário, seguiu para Miragaia dar carinho e conforto àquela mãe que tem duas filhas dementes. Rua de Leiria, em Tomar, dez mil; ofertório da Catequese de Calendário, mil duzentos e quarenta e cinco escudos; um grupo de empregadas da Uniteca, de Valongo, 850\$ que costumavam pôr no nicho do local onde Pai Américo teve o desastre, em S. Martinho do Campo e não sabem para onde vai esse dinheiro. Também não sabemos. Aquele nicho não está a nosso cargo.

Em honra de Santo António, dez mil; assinante 3283, três vezes mais; duas notas de 5.000\$ da assinante 28440.

Mário Sousa, vinte e cinco mil; dois mil e quinhentos escudos do assinante 5252. «O bem que fazemos é o que levaremos para a Eternidade», palavras de um senhor de Entre-os-Rios, amigo do nosso Padre Telmo do tempo das barragens. Os Belenenses de Aguiar, após um desafio de futebol, deixaram cinco mil quatrocentos e cinquenta escudos. Mais dois mil de Ribeiro dos Santos e duzentos de uma mãe e filha que gostavam de ajudar mais; a mesma quantia de anónima, do Porto; Maria Eduarda, por uma graça recebida, dez notas de mil; Rui Antunes, o produto do primeiro trabalho de engenharia; dois mil, de Arrentela: «anónimo amigo», quatro notas de cinco mil; metade de Maria Bizarra; «uma pobre», do Porto, para os nossos Pobres, dois mil duzen-

tos e cinquenta escudos; mil e quinhentos escudos, pequena parte de uma gratificação recebida; pelo assinante 12538, vinte mil; «uma Maria», do Lar de Santa Cruz, de Braga, quatro mil e vinte escudos; Alice Bento, cinco notas de mil; de Algueirão, três mil; a mesma quantia de Escalhão; Av. de Madrid, mil; Paços de Brandão, Quinta de Baixo, seis mil; mãe e filha, de Estarreja, com muito amor e vontade de não poderem partilhar ainda mais, sete mil; Ana Maria, da Praceta 25 de Abril em Gaia, cinco notas de mil; amiga Rosa, quinhentos para o Calvário e outro tanto para as nossas necessidades; mais três notas de mil também para o Calvário, vindas de Abrantes; uma anónima entregou na Foto Antony, em Penafiel, oito notas de D. Pedro V; cinco iguais de Rio Tinto; Gafanha da Nazaré, três do mesmo tamanho; uma viúva, do Porto, nota de cinco e muitos beijos para os nossos mais pequeninos; Maria Margarida entregou no Espelho da Moda duas notas de cinco mil; duzentos e cinquenta de Ouretá e dez vezes mais da mesma localidade; assinante 23988, uma nota de mil; com o pedido de uma oração, trezentos; a mesma quantia por alma de José; Carolina, do Porto, os habituais dois mil distribuídos por várias rubricas; Maria Alice, dezasete notas, sete das quais para o Calvário; dez mil duma fábrica de móveis, de Paços de Ferreira; Maria José, mil; Praia da Granja, em cumprimento

Cont. na 4.ª pág.

AQUI LISBOA!

«Nós queremos ser o carteiro de boas notícias, no dia vinte e cinco de Dezembro; queremos ler a Mensagem ao pé de cada um, dar-lhes a grande alegria do nascimento do Redentor, hoje como ontem, a maior e a mais actual de todas as novidades». (Pai Américo)

A primeira das boas notícias que temos para Vós é que o Redentor nasceu. A segunda é que continuamos disponíveis para realizar, de corpo e alma, os Seus planos de Salvação, instrumentos frágeis, embora, nas Suas e vossas mãos, para levar a todos os Irmãos, sobretudo aos mais carecidos, o cântico do exército celeste: «Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens do Seu agrado» (Lc. 14).

Sós, com cerca de 125 Rapazes a cargo, se nos fosse permitido pôr o sapato na chaminé, fá-lo-famos para pedir um irmão Sacerdote, capaz de nos ajudar nos trabalhos internos e nos libertar um tanto dessas tarefas, tornando-nos disponíveis para acorrer às misérias, cada vez maiores, dos bairros degradados das redondezas e da chamada pobre-

za envergonhada, essa eterna esquecida.

Desejamos viver o resto da vida totalmente empenhados no rumo que escolhemos, devotados ao serviço dos Rapazes e dos Pobres, haja o que houver e custe o que custar, não duvidando, porém, que «A Obra da Rua não é somente dos pobres; é também dos ricos. Mais destes do que daqueles» (Pai Américo). Daí que todos sejamos responsáveis e que se há soldados de primeira linha, a quem cabe aguentar e gemer, ninguém se possa eximir de conseguir o indispensável para obter os fins em vista.

A construção dum mundo mais fraterno passa pela vivência plena do Evangelho, mais em obras do que em palavras ou intenções, de maneira discreta e sem alardes. Lembrar o nascimento de Jesus é um convite à coerência de vida, certos de que passaremos e nos aguarda a Eternidade. Mal de nós, porém, se esta nos surpreender — de mãos vazias!

Nestes tempos toldados pelo egoísmo e pela ânsia de possuir, vale a pena transcrever as palavras seguintes, de Pai Américo, escritas precisamente em época similar à por que passamos. Eis: «Natal dos Pobres! Em Junho de 1928 fiz voto de ser pobre. Não há ninguém no mundo que seja capaz de compreender e amar os Pobres se não for ou quiser ser tão pobre

como eles são. Voto de pobreza é paixão de seguir o Mestre e certeza de dar com Ele. É absolutamente impossível que alguém se engane por haver tomado para si um conselho do maior e do melhor Amigo que a gente tem; o estado de pobreza voluntária é conselho de Jesus. Este meu voto é o único título com que venho hoje à tua presença, neste mirante de amor, pedir-te que ames os Pobres».

Fazemos nossas as ideias expressas e te convidamos a praticá-las, implorando que ames os Pobres, como o Senhor nos mandou, a começar no âmbito da tua família, do teu bairro ou da tua rua. Assim, serás «carteiro de boas notícias», fazendo Natal de todos os dias. «Não tenhas medo dos tempos nem dos homens, nem das guerras nem das leis. Não digas tu que as coisas estão feias, como soe fazer a mediocridade, que não sabe levantar os olhos do chão. Olha para a Beleza Incrível que não sofre mutação e confia» (Pai Américo).

Terminamos com os melhores votos. «A gente não pode esmorecer. O desânimo, em Obras destas, é falta de compreensão. O Menino nasceu, eis a maior e a mais actual de todas as novidades».

Padre Luiz

Cantinho dos Rapazes

Cont. da 1.ª pág.

beberem a seiva que sobe da raiz.

«Um só que se salvasse... — valeria a pena! Mas eles são tantos! Mas eles são tantos!»

Quantos serão?... Quantos sereis?... Só Deus o sabe! A nós basta-nos a certeza de que um só que fosse, valeria a pena! «Mas são tantos!»

E se tantos não são todos, é, apenas, porque muitos foram ramos colados — não inseridos, não brotados — que não beberam da seiva que alimentou Pai Américo e ele serviu a todos. Por isso qualquer sopro de vento os desprende e fez cair sem que pudessem produzir frutos, converter-se em fruto.

Ainda assim, «eles são tantos!» — e aí estão a revelar a quem quiser saber, quem foi, quem é Pai Américo. É por vós, pois, sobretudo em vós, que ele deve ser mostrado pelo tempo em fora. Há que crescermos nesta consciência. Importa, portanto, antes de mais, assumir o direito e o dever de o conhecermos.

E vamos hoje, por um achado feliz, olhar Pai Américo, não na maturidade a que estamos mais habituados, mas na juventude dos seus 15 anos, mediante uma carta que então escreveu a seu irmão mais velho, missionário na Índia. Ela vai tal e qual, até na grafia, para nada lhe roubar do seu sabor. Nem, para não ser este Cantinho demasiado longo, lhe acrescentarei agora qualquer comentário. Não faltará a oportunidade. E, até lá, entrego-a à vossa reflexão segundo a capacidade de cada um de vós. Tomai-a como presente do Natal.

«Porto, 8/7/903

Meu querido Irmão

Pedindo-lhe desculpa da mi-

Padre Carlos

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

dum voto, duas de cinco mil e o dobro dum leitora assídua d'O GAIATO; a mesma quantia da assinante 27123; amigo de Vizela, três vezes mais; e mais trinta mil de Emfido. Por in-

termédio da assinante 34547, «30 mil de Maria da Conceição e Irene, que juntaram das suas magras pensões sociais». Damos graças a Deus!

Fernando Dias

Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª pág.

conta. Tem havido muitas lamentações. O martírio tem continuado. A presidente da Câmara, natural desta terra da nossa Casa-mãe e que conheceu Pai Américo, bateu-nos à porta. Pusemos alguns obstáculos, mas demos esperança.

Ei-los! Chegaram ontem. Não houve uma lágrima na despedida. Libertação. Caras felizes. Os três muito unidos. Um dia todo de sol. Consolei-me de os ver assim contentes, especialmente o mais novo.

Prendas de Natal!

Que todos tenham Natal.

Padre Horácio

Os nossos endereços

Casa do Gaiato — 2900 SETÚBAL;

Casa do Gaiato — SANTO ANTÃO DO TOJAL — 2670 LOURES;

Casa do Gaiato — 3220 MIRANDA DO CORVO;

Casa do Gaiato e Calvário — Beire — 4580 PAREDES;

Casa do Gaiato — PAÇO DE SOUSA — 4560 PENAFIEL.

Livro «O BARREDO»

2.ª edição (nova recolha e selecção de textos)

O assunto do Pão dos Pobres não está antiquado. Não está. Os casos do livro *O Barredo* são em tudo e por tudo uma repetição viva e actual dos referidos naqueloutro. Então quê? É para demonstrar que a vida do Pobre não muda. «Estamos no mesmo ser», é uma resposta muito dos meus ouvidos, quando, por hábito, pergunto ao Pobre como vive. A semelhança dos *Barredos* é flagrante, tanto faz Coimbra como Porto ou Lisboa, que são estes os que melhor conhecemos.

(...) Quem sabe se poderemos dar melhores vistas e oferecer outras notícias num segundo volume — quem sabe? Um segundo volume d'*O Barredo*, sim, mas outro *Barredo* com casas e armazéns de negócio ribeirinho. Fontes. Pracetas. Mirantes. Jardins. Gente limpa e bem disposta. Segundo volume de um outro *Barredo* aonde se possa narrar com verdade de como foi e quanto o Porto não rejubilou com a demolição total daquela grande desgraça; daquela nossa desgraça! Segundo volume de um outro *Barredo*, aonde se possa dizer também, com verdade, o nome do homem que executou uma tal obra de salvação pública.

P. Américo!

Mais livros da autoria de Pai Américo — *Pão dos Pobres*: 1.º volume (5.ª edição no prelo), 2.º volume (4.ª edição), 3.º volume (3.ª edição), 4.º volume (1.ª edição); *Obra da Rua* (3.ª edição, actualizada); *Isto é a Casa do Gaiato*: 1.º volume (3.ª edição no prelo); 2.º volume (2.ª edição); *Ovo de Colombo* (2.ª edição); *Vlagers* (2.ª edição — reordenada e aumentada); *Doutrina*: 1.º volume (2.ª edição — aumentada), 2.º volume (1.ª edição), 3.º volume (1.ª edição).

Obras doutros Autores — *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo*, Dr. João Evangelista Loureiro; *O Calvário*, Padre Baptista; *A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida*, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte (2.ª edição); *O Lodo e as Estrelas*, Padre Telmo Ferraz (3.ª edição, aumentada).



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285

Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel